

A Luanda de ontem – Beatriz do Valle.

Ainda sou do tempo em que a Luanda era da Travessa Arnaldo Moraes, continuando...: Tenente Simões, Hemenegildo Valente, Santo Antônio, 10 de Outubro, Bentes Monteiro, José Cardoso, Tiago Sena e Eugênio Marques e uma parte das Ruas: Avenida Getúlio Vargas (hoje Av. Benedicto Monteiro), que era chamada carinhosamente de Rua da Frente; Coaracy Nunes; Rosomiro Batista; Visconde do Rio Branco e Pedro Vicente; até aí. O resto era caminhos pela verdejante mata e encantadoras serras que hoje estão agonizando.

Não existia Centro propriamente dito. Acredito que o Centro começa, acorda, surge, ou mesmo gerasse, com o nascimento do Internacional, pois as cores da Luanda eram: Azul e Branco, por aí se pode ter uma solução aproximadamente, pelas cores do União Esportiva. Insatisfeitos alguns sócios, talvez por não aceitarem certas burocracias daquela época, como por exemplo: não entrava no clube negro, pobre, filhos de mãe solteira, o próprio jogador etc. Esta insatisfação aconteceu em janeiro de 1955 lembro de alguns fundadores do Esporte Clube Internacional é que eram sócios do União Esportiva: Sr. Gérson Melo, Telegrafista daquele momento, Sr. Jacob Athias proprietário da Olaria Iacy, Sr. Cyro Salomão, gerente da Casa Paysano, Sr. Juracy Cordeiro, Gerente da Casa Santo Antônio, meu pai, José do Valle, funcionário do Fomento Agrícola, Sr. Juarez Amorim Rebello, Coletor federal, Sr. Benedito Monteiro, advogado e compositor do Hino que interpretado, diz o que houve entre eles. E nos anos 80, os grupos: Zé matuto e matutando trocaram as cores, achei engraçado isto...! Não sei se foi paixão pelos bois de Parintins ou se foi naturalmente.

É muito bom a gente relembrar. Acreditem que rejuvenesci, vasculhando o meu arquivo da Saudade. A única Escola Pública era o Grupo Escolar de Alenquer, hoje Fulgêncio Simões, e que internamente também era muito bonito. O piso era com madeira de lei, preta e amarela, formando faixas decorativas. Tinha o palco, os biombos, se não me engano três de cada lado, pintados artisticamente à óleo, um salão perdido para reuniões, festas e teatrinhos dos próprios alunos muito bem e caprichosamente estruturado e que na primeira reforma desapareceu ficando o coitado todo tipoado.

Quando os alunos se encontravam no grupo começavam as discussões, coisa de criança, um tipo de crítica, que acabava em graça.

Luanda, só come sebo de holanda, não tem nada, é pobre, não tem comércio, não tem arroz, feijão, farinha, cumaru, castanha e enfileiravam, etc. . Realmente o forte comercio de trocas e vendas e a melhor situação financeira era do Aningal (a Rua da Frente era um comercio mais fino).

Aningal, come caraaçu sem sal, não tem grupo, prefeitura, Santo Antônio, SESP, Olaria, cemitérios quando morrerem vão morar na Luanda para sempre

A Luanda só serve para guardar podridão é até nisto...

Realmente a Luanda era pobre, víamos pelas casas de morada, que em maioria eram de palha, taipa, adobo e mesmo o jeito de viver.

Dificuldades nesta época não se sentiam, pois se vivia da alegria da pesca, da Olaria, da fabricação de tamancos (sapato da classe baixa e chinelo da classe media, usei muito tamanco), da caça, da venda nas suas próprias casas, de garapa, tucupi, tapioca, farinha, ovos, galinha e bolo de massa de farinha com castanha. Mamãe, que eu me lembre, foi a primeira horteleira da Luanda, moqueca (poqueca) de tucumã, camarão, este era seco pendurado em uma saia de sarrapilha, bem no meio da cozinha. Quando faltava almoço tirava-se um pouco, colocava-se no pilão, pilava, sacudia em duas cuias contra o vento para sair as cascas e colocava-se no arroz, era uma delícia.

A água era do poço, por exemplo, em casa, tinha poço calçado, com sarilho, servia toda a vizinhança, na dona Rosa Cutia tinha outro, já com carretilha, no São Benedito, um outro que servia a comunidade e assim em varias casas, quando no verão forte que os poços secavam eram cavadas cacimbas em toda margem do rio, cada três famílias cavavam uma. Ah! Eu achava tão importante porque para se usar, teria que se esgotar, e logo voltava a água cristalina. Também se usava bastante água do rio. Falando em rio, tivemos na época quatro banhos gostosos: o Banho da dona Virgília ficava no começo da Santo Antônio, o Banho da dona Manuela, ficava no inicio da Tiago Serrão, a praia do Seringal e a praia do seu Rosi, todos foram mortos pela poluição e a falta de cuidado das gerações.

Viviam em casas de palha, taipa, adobo, havia casas de alvenaria, mas eram poucas. Na verdade, as casas eram de acordo com as classes; como a classe baixa dominava, tinham mais casas de palha e taipa.

Na minha observação de menina, as casinhas de palha completavam a paisagem que no momento criava na minha mente. A casinha de palha era só um quarto, com um esteio bem no meio, distribuindo as redes, parecia um carrossel. As redes eram arranjadas, com cabeçotes de redes de fio, substituíam o fundo com americano listado, às vezes costurado à mão ou desfiando os panos e amarrado. A casinha geralmente com quatro portas, duas na frente, e duas, para cozinha as portas eram de japá, pela manhã só faziam virar os japás, e davam forma de janelas. O pote ficava no quarto, sobre uma forquilha de três pontas e o púcaro, encaixado em uma dessas pontas. Os copos eram latas de leite condensado.

A casinha era desprendida da cozinha, a biqueira (emenda do quarto com a cozinha) era feita de latas de querosene ou gasolina, formava a bica, esta, quando chovia, se tomava banho embaixo. O piso era de barro bem batido, o fogão de taipa, a mesa uma graça...,eu achava, eram varas cilíndricas, amarradas uma encostada na outra com cipós, parecendo um jirau, dando forma de mesa, os bancos a mesma coisa, só que bem mais estreitos que a mesa, o jirau bem do lado da cozinha e uns quadrados, também de varas, para colocar os baldes de cuia com água. Isto tudo me chamava a atenção, e eu achava lindo...! A cozinha era toda aberta, naquela época ainda não existia ladrão; fazia-se uma balança,

com madeira e arame, e era pendurada na cozinha, na mesma colocavam-se as latas de açúcar, café, farinha, etc. Seria o armário, vamos dizer. O banheiro era feito no quintal... Somente um quadrado cercado de palha preta que iam buscar onde foi o aeroporto. Era tecida a palha, ficava trabalhado. Em casa, o banheiro era de tábua coberta de telha e o piso de cimento, mais a sentina era o padrão do SESP, no fundo do quintal, de palha e a pedra.

O comércio não eram lojas... eram tabernas: Sr. Joventino (onde foi Sr. Mauca) Sr. Bíades Tavares, Sr. Antônio Victor, Sr. Domingos Jones, Sr. Alfredo (peixe frito), Sr. Sapucúá, Sr. João de Matos. As casas eram bem separadas uma da outra ficando assim a vontade, dificilmente cercados, facilitando assim a comunicação. Quero que saibam que nestes períodos o conhecimento era total. Alenquer era só uma família.

Foi construído o Esporte Clube Internacional. Já falei em alguns fundadores, mas quero acrescentar que quando chegou o Banco da Amazônia em Alenquer, em 22 de julho de 1956, e o gerente o simpático Sr. Cezar Augusto de Araújo Pinto, abraçou o movimento, acompanhava também com muito entusiasmo e carinho Dr. Salomão Athias, médico do SESP. Reforçada a comissão com Sr. Cezar e Dr. Salomão, o Sr. Genuíno Leite, fez uma operação comercial no Banco da Amazônia, autorizado pelo Diretor Silvio Braga e mãos à obra... Foi dado o início da construção ou a continuidade.

O colégio Santo Antônio foi fundado em 12 de Janeiro de 1956, com o nome de Educandário Santo Antônio e funcionava num prédio que era chamado de Sobrado. As primeiras irmãs religiosas: Irmã Felicitas, Irmã Henriqueta, Irmã Dileta e Irmã Selma. O vigário da Paroquia: Frei Patrício, e o Bispo da Prelazia, D. Floriano. Inicialmente funcionou somente o curso primário em 12 de março de 1962, foi instalado o curso "Normal Regional" ganhando a denominação de Santo Antônio, e o novo Prédio, sendo entregues as chaves pela senhora Ana Simões Hage, que era presidente da comissão da construção do prédio.

A oficina dos padres, esta completamente aparelhada com donativos ofertados pela Alemanha, funcionava a mecânica a carpintaria e marcenaria. O ideal dos padres, especialmente de Frei Francisco José, era funcionar como Escola Profissional para atender os jovens. Frei Francisco ainda conseguiu habilitar três rapazes, mandando para Santarém para o curso da F.A.O (organização de alimentação florestal) mas quem realmente assumiu, e foi dar aulas foi só um dos três candidatos: Raimundo Nonato de Sousa (Dicão), e da Alemanha ainda chegaram a vir dois profissionais (professores) para dar aulas. Ia tudo muito bem, mas depois Frei Francisco foi transferido e acredito que seus sucessores não tiveram o mesmo carinho, ficando a Escola Profissional Sto. Antônio sem os pulmões.

O estádio municipal era na frente da prefeitura. Sr. Heriberto Batista, prefeito da época, não sei realmente o ano certo sei que foi nos anos 50. Então para que um dos bairros (Luanda e Aningal) ganhasse o Estádio organizou uma disputa de

Futebol entre Luanda e Aningal. O bairro que fosse o vencedor, lá seria o Estádio. Foi a Luanda que ganhou, e é por isso que o Heribertão construído lá. Até então o campo de futebol era na frente da prefeitura, lá onde era a câmara e a casa da promotora, era um barranco e tinha uma mangueira e uma azeitoneira, a charanga com a torcida ficava lá, e era dominada, quero dizer, chefiada, pela Ana Monteiro. Ana era alegre, gostava desses movimentos, era Luanda doente e casou com seu Waldomiro Jorade (meu primeiro patrão) presidente do Aningal. A torcida e a charanga do aningal ficavam na escadaria da prefeitura. É bom saber que na frente da prefeitura era usada como palco e que assistir vários espetáculos, vindos de fora e que dentro da mesma, tinham uns valiosos e raros quadros de figuras que foram importantes para Alenquer, pintados a óleo, e nas duas colunas sob a escadaria tinham duas Estátuas de porcelanas vindo de Portugal e que simplesmente na década de 60 sumiram quadros e estatuetas.

Hospital Santo Antônio... Por que não falar sobre ele?... Pois seu início, ainda não se falava em centro!... E para mim, continuo morando na Luanda, e quero que saibam que sou louca por esta menina magoada, cheia de cicatrizes no coração e que tem um nome lindo, e que é muito educada e que cativa toda pessoa que por ela passa Alenquer.

Foi iniciado em 1963, por iniciativa de D. Floriano, sendo o vigário o meu querido Frei Francisco José, inaugurado em 05 de fevereiro de 1968. Construído com donativos da Alemanha, por intermédio de D. Floriano. A direção do Hospital Beneficente Santo Antônio, foi entregue por D. Floriano às Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição, ficando na direção Irmã Blanda de Queiroz (1ª diretora). Os primeiros médicos foram: Dr. Luiz Flavio Figueiredo de Lima, Primeiro Diretor clínico, e Dr. Clodoaldo de Azevedo Costa.

É preciso saber que também houve muita participação, da comunidade Alenquerense, foram realizadas quermesses como a da “Primavera” (que ainda vivia na época e que nos anos 70 morreu) a do “Carapanã” que foi realizada, onde funciona a feira, a campanha do Tijolo etc. Observem que os franciscanos, e as irmãs missionárias da Conceição têm muitíssima influência sobre algo importante e que serviria para a comunidade, só que algumas coisas não foram conservadas...

Sobre a cultura vou apresentar primeiro a alegria, porque no povo alegre surge algo importante que eu encaixaria dentro da cultura da Luanda.

O marambiré deixado pelos nossos negros (não é puxando o saco!). Todos os marambirés como do pacoal, cuipéua, e outros que tive a oportunidade de assistir são lindos! Mas o da Luanda era mais atraente, mais animado, mais entusiasmado, a roupa muito original, o ânimo era tão motivante que as jovens acompanhavam pelas casas que iriam apresentar-se para dançar o Lundum. O Lundum é nosso, é da Luanda, é de Alenquer.

Pastorinha, o cordão do Tucano, danças apresentadas pela constância Tomazia no seu tempo adequado.

Festa da Primavera era realizada no mês de outubro onde está o Colégio hoje, e que era um Bosque, pertencia ao Sr. Tideu Araújo e se chamava Bosque da primavera. A finalidade era ajudar a paróquia. Quando as irmãs chegaram, ainda continuaram com a tradição. Depois que o colégio passou a ser Estadual, acabou. Nesta festa tinha a parte de teatro (representações) dos artistas que eram os jovens da época, tinha venda: bolo, vatapá, saladas etc. a Luanda e o Aníngal apresentavam suas candidatas à Rainha da Primavera, o voto era dinheiro dentro da urna, as candidatas eram crianças (observem que o Centro não aparece).

Festa de São Benedito, Era mais bonita ainda tinha aquele cheiro de originalidade deixado pelo nosso primeiro habitante da Luanda O negro.

A quermesse da Escola Paroquial São Benedito toda Alenquer participava, não tinha muita gente, éramos todos conhecidos; nesta festa tinha comédia, baladas, adivinhações, cantos, era muito animada.

Maria Joana uma boneca de mais ou menos 2,50m de altura, negra, confeccionada na Olaria Jacy, pelos filhos do capataz, era feita de paneiro, pano, algodão, o vestido bem rodado estampado, dançava ao som de um bumbo. Maria Joana saía em dezembro ou janeiro, para espantar as coisas ruins do ano que passou.

Quadrilha dança europeia conheci ainda muitos portugueses que também habitavam em nosso meio (Alenquer) e que a Luanda foi felizada em receber a maior parte, ganhando, assim de presente suas influencias culturais. É por isso, acredito eu, que a Luanda faz homenagem aos portugueses através de seu artista Joaquim Sena. Não sei se já ouviram o "Lundum", onde faço homenagem aos Índios, aos Negros e aos Portugueses, porque tenho certeza que foram eles que deram origem à Luanda. Um escolheu o lugar, o outro projetou, e os demais moldaram. Dancei muita quadrilha, o mais importante era quem marcava: o Sr. Manelzinho coroseco, descendente de negro, deu para entender a mistura de cultura?...

Festa na roça O clube Internacional, era ornamentado com bananeiras, bandeirinhas de papel, paneiros, tipitis, coisas da roça. O pessoal chegava para a festa de carroça de boi, cada qual mais enfeitada. Era uma alegria total.

Importante isto, e muito responsável, eu acho. Nos anos 60, mais ou menos, foram fundados dois clubes por jovens da época: o Botafogo, no aníngal, e o Flamengo na Luanda. Para o Bota foi alugada a casa onde fica um consultório dentário (Lauro Sodré, aníngal), para o Fla, foi alugada a casa onde hoje é dos Escoteiros (Luanda). Num sábado, a festa era no Bota, íamos todos para lá, no outro sábado a festa era no Fla, vínhamos todos para cá. Não podíamos fazer as duas festas juntas se não uma pifava, e da renda das festas era de onde saiam

os pagamentos dos alugueis, luz etc... Na época se falava muito em Remo e Paysandu, (hoje quase não se ouve). Então se faziam concursos de rainhas com candidatas do Leão e do Papão e outras coisas mais para se arranjar o dinheiro para as despesas. Um dia, o Fla estava pronto para sua festa, e a luz não veio, o que fizemos? Colocamos lamparinas, por toda sala (ao redor) e velas sobre as mesas. Neste tempo a bebida ficava dentro de um caixote com gelo e casca de arroz. E a festa comeu no tampado... Tudo natural e sadio, a música era de sopro, como costume dizer, era artesanal, e não mecânica. Então energia para nós jovens da época não era problema, a festa saía de qualquer jeito. Sim, tinha a diretoria masculina, eram só jovens, mas também a diretoria feminina. Lembro do Bota: Raimunda Neite, Maria Ocy, Ivanilde Valente, Ises Leitão e outras mais... do Fla: Zaide Valente, Braselina Ferreira, Consuelo, comadre Nazaré, Beatriz do Vale e outras que não lembro.

Serenata O rapaz vinha com o pinho (violão) e cantava para sua amada, ou então pegava uma eletrolinha de corda arranjava um ponto para ela ficar, colocava o disco e a eletrola transmitia a mensagem.

Ah! Luanda... Das serenatas, das Inspirações, das brincadeiras: de roda, cipozinho queimado, do anelzinho, do pião, da peteca, das bonecas, das casinhas, do papagaio, da Tia chica, da macaca, de todo tipo de brincadeiras... Sei porque em casa era onde se reunia a criançada, e de tudo isto participei. Luanda dos papagaios e curicas no seringal, com suas vozes em coro, saudando o final do dia com uma afinada orquestra, quem sabe talvez, na suas linguagem, agradecendo a sua volta (ao dormitório) à nossa Senhora... Luanda das garças que pousavam sobre as seringueiras, com o seu lindo, e rouco gazinar, procurando dar um tom exuberante na paisagem do nosso criador, e que o homem sem dó e sem consciência destruí o nosso saudoso Seringal... Que maldade!...

Luanda dos ritos e mitos da “Volta da Paciência” do “Juvenal” do “Calça Molhada” do “Carroça ao Luar”, etc.

Luanda, que no pôr do sol se vê.

O teu suave e elegante encanto

E no clarão dourado do amanhecer

O teu perfil sedutor encanto...

